

MICROTERRITORIALIZAÇÕES HOMOAFETIVAS NA CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE-SP: O LAZER NOTURNO E AS RELAÇÕES DE INTERFACE

BENHUR PINÓS DA COSTA

Universidade Federal de Santa Maria
benpinos@gmail.com

ANTONIO BERNARDES

Universidade Federal Fluminense
antoniobernardes@id.uff.br

RESUMO

A partir das considerações acerca da multiculturalidade, discutimos as identidades homoafetivas e suas formas de relação no espaço urbano, notadamente, as suas diferentes microterritorializações, na área central da cidade de Presidente Prudente. A área considerada destaca-se pela centralidade que exerce nas atividades de lazer noturno da cidade e por concentrar bares cujos frequentadores possuem diferentes perfis socioeconômicos e culturais, um dos quais atende, especificamente, o público homoafetivo. Como pano de fundo dessas dinâmicas sociais, trazemos também para a discussão as relações de interface, ou seja, aquelas que são mediadas eletronicamente, como um modo contemporâneo de manifestação das identidades e das diferentes territorialidades.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço. Microterritorialidades. Homoerotismo. Relações de interface. Lazer noturno.

HOMOAFETIVE MICRO-TERRITORIALIZATIONS IN CITY OF PRESIDENTE PRUDENTE:
THE NIGHTTIME LEISURE AND THE INTERFACE RELATIONSHIP

ABSTRACT

Through to debate on multiculturalism, will we discuss homoaffectivity identities and their relationship forms in the urban space, highlighting, the different territorializations, or better, the micro-territorializations in central area in the city of Presidente Prudente, São Paulo, Brazil. This is an important area in the city due to your centrality and concentration of pubs and activities nighttime leisure. These regular visitors at the area, which have different profiles socio economics and cultural, will we highlight the homoeffectives group. As a background of these social dynamics, we will discuss of interface relations, ie the relations that are mediated electronically as a contemporary form of manifestation of the identities and different territorialities contemporary.

KEYWORDS: Space. Micro-territoriality. Homoeroticism. Interface relationship. Nighttime leisure.

MICRO TERRITORIALIDAD HOMOAFETIVA EN LA CIUDAD DE PRESIDENTE PRUDENTE: EL ENTRETENIMIENTO NOCTURNO Y LAS RELACIONES DE INTERFAZ

RESUMEN

Por los debates acerca del multiculturalismo, ponemos en discusión las identidades homoafetivas y su relación con el espacio urbano, sobretodo, las diferentes territorializaciones, o mejor, micro-territorializaciones en la zona central de una ciudad media, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil. Esa zona central tiene gran importancia en las actividades de entretenimiento nocturnos de la ciudad debido a concentración de bares, en que sus clientes tienen diferentes perfiles socioeconómicos y culturales, entre ellos, destacamos el grupo de homoafetivos. En según plano de esas dinámicas sociales, habremos discutir las relaciones de interfaz como aquellas que son mediadas electrónicamente como una manera contemporánea de la manifestación de las identidades y de las diferentes territorialidades.

PALABRAS-CLAVES: Espacio. Micro territorialidad. Homoerotismo. Relaciones de interfaz. Entretenimiento nocturno.

INTRODUÇÃO

A partir de meados do século XX, surgiram, com caráter contestatório aos padrões então vigentes, diversos movimentos sociais, como o ambientalista, o racial, o *hippie*, o *gay* e o feminista. Todos, de algum modo, expressavam reação a um conjunto de valores culturais, políticos e até mesmo econômicos – como é caso dos movimentos ambientalista e *hippie* – que estruturam a sociedade contemporânea ocidental. Dentre eles, destacamos os que questionaram a estrutura patriarcalista e machista da sociedade, ou seja, o movimento feminista e o movimento *gay*.

O feminismo remonta ao século XIX, nos Estados Unidos, mas as características das quais se reveste atualmente tomaram fôlego na década de 1960, em geral como oposição ao patriarcalismo e ao machismo, ainda que sob diversas matrizes ideológicas: enquanto algumas feministas defendiam a igualdade de direitos entre homens e mulheres, outras consideravam a especificidade essencial da mulher, declarando a superioridade das práticas femininas como fonte de realização humana, havendo ainda aquelas que defendiam a necessidade de abandonar todos os parâmetros masculinos.

As correntes mais radicais provêm no movimento feminista do século passado aproxima-se dessas duas últimas posições, e foram assumidas majoritariamente por lésbicas que possuíam forte ativismo político e militante. Segundo Castells (2002, p.220), a crescente presença desse grupo no movimento feminista, ao mesmo tempo em que lhe atribuía força, representava também um grande desafio, pois se tornava necessário encarar os preconceitos internos contra a homoafetividade.

Podemos considerar que essa corrente radical encontra apoio no movimento *gay* da década de 1960. Mesmo considerando que a resistência à heterossexualidade compulsória perpassa, de algum modo, diferentes períodos da

história humana, somente a partir das últimas décadas é que surgem movimentos sociais em defesa dos direitos de lésbicas e gays, assim como, da pluralidade de possibilidades para as relações homoafetivas, colocando em evidência a estrutura de um sistema coerente de dominação que liga Estado e libido, expresso pela definição de maternidade, paternidade e família com base na premissa heterossexual.

O questionamento dos padrões culturais hegemônicos, como a estrutura patriarcalista da sociedade ocidental, possibilitou e possibilita, por contradição, a formação de identidades de certos grupos socialmente excluídos, como, por exemplo, o constituído por sujeitos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros). Atualmente, esse debate é abordado pelo viés da multiculturalidade, que destaca e problematiza questões referentes a diferenças e identidades sociais, assim como as que dizem respeito a relações desiguais de poder e a preconceitos, atribuindo relevo às identidades socialmente marginalizadas e apontando para transformações sociais (McLAREN, 2000).

É nesse sentido que inserimos as algumas das reflexões desenvolvidas neste texto. Pela multiculturalidade, trazemos para a discussão as homoafetividades e, por conseguinte, as suas formas de territorialização pela emergência de conflitos identitários, internos e externos ao grupo, numa área que exerce significativa centralidade no campo do lazer noturno numa cidade média do interior paulista, Presidente Prudente. Como pano de fundo dessas dinâmicas sociais, ressaltamos, também, o papel dos novos meios de telecomunicação e as relações de interface, ou seja, aquelas mediadas eletronicamente, como um modo contemporâneo de manifestação das identidades e das diferentes territorialidades.

DA MULTICULTURALIDADE, O HOMOEROTISMO EM QUESTÃO

A partir da segunda metade do século XX, intensifica-se a diversificação social das identidades que definem os sujeitos. Tais identidades apontam politicamente para a transformação dos estigmas, com vistas à igualdade na inserção social, determinando os mesmos direitos a todos e buscando medidas de

combate à discriminação e ao preconceito em qualquer nível das relações cotidianas. Surgem, assim, movimentos sociais que buscam não só reduzir as desigualdades econômicas entre diferentes segmentos da sociedade, mas, também, enfrentar questões culturais relacionadas à ocorrência de estigmas sociais (SEMPRINI, 1999).

Nesse contexto, a identidade torna-se o principal elemento político que vai definir os movimentos sociais, desde os anos 1960. Ela une e representa um conjunto de sujeitos estigmatizados e/ou marginalizados que, mesmo como minoria, configura uma parcela importante de certa população. As identidades vão se produzir novamente como encaixes sociais (GIDDENS, 2002), porém, o que politicamente muda, nesse momento, é a emergência dos discriminados, que se mobilizam para combater os preconceitos sociais de que são alvo.

Conseqüentemente, os determinantes políticos das identidades também se modificam: se, antes, eram os poderosos que determinavam as identidades estigmatizadas dos sujeitos discriminados, estes, posteriormente, apegam-se a elas para lutarem contra o preconceito e em defesa da justiça social e da inserção econômica. No entanto, muitos dos atributos mobilizados pelos próprios sujeitos discriminados são operacionalizados socialmente como discursos e práticas políticas de valoração social, sem que eles desenvolvam efetivamente uma crítica ou revelem o cruel componente político hegemônico contido nessas próprias expressões (McLAREN, 2000; BOURDIEU, 2011), acabando, assim, por reproduzir os próprios atributos que determinam o preconceito que sofreram e sofrem. As políticas voltadas à diversidade cultural, a partir da configuração de um tipo ideal de cultura, raça ou situação econômica, ainda se definem pela existência de um polo hegemônico que não é questionado e não se configura como um agente de poder, ou seja, se refugia na neutralidade. Exemplo disso, como menciona McLaren (2000), é a despreocupação com o polo neutro que configura uma “branquidade” hegemônica e pelo qual os atributos de culturas étnicas são exauridos para configurarem um conjunto de sujeitos pertencentes a tais culturas.

Louro (2001) e Silva (2009) discutem uma virada cultural, ocorrida nas últimas décadas do século XX, a partir de um conjunto de teóricos que denominam a si e suas teorias de *Queers*. Suas questões emergiram devido à difícil realização dos discursos amparados na construção de identidades estanques, compondo um conjunto de sujeitos estigmatizados e/ou marginalizados socialmente. O movimento feminista, por exemplo, foi atacado por movimentos de mulheres negras e de segmentos sociais marginalizados, os quais alegavam que os atributos constitutivos de uma identidade política de mulher eram condicionados a um modelo de mulher branca e de classe média, divergente, portanto, das condições cotidianas daqueles grupos. Outro exemplo diz respeito à qualidade homogeneizante do movimento *gay*, determinado pelos lemas de “sair do armário” e “assumir-se”. Autores como Parker (2002) e Braga Junior (2006) observam quanto as expressões dos sujeitos e as configurações de culturas homoafetivas locais são muito diversas e não podem estar condicionadas a determinações de uma identidade *gay* ou de um conjunto de atributos que a definem. Se existe uma identidade que se refere a *gay*, isso soa mais como um “pastiche” do que como uma configuração estanque de atributos. Nesse sentido, o que se observa é a existência de uma “interseccionalidade” da identidade, isto é, “posicionalidades” que os sujeitos assumem em situações diferenciadas em seu cotidiano, compondo “espaços paradoxais” quanto à assunção de suas expressões e à determinação de seus comportamentos (SILVA; ORNAT, 2012).

Os sujeitos mobilizam, subjetivamente, identificações sobre “si mesmos”, compostas socialmente, e objetivam certas expressões e comportamentos de acordo com as relações que estabelecem com os outros em um espaço de interação. Sua identidade é interseccionada e certos atributos dela condizem mais com suas *performances* em alguns desses espaços do que em outros. Assim, sua vida se diversifica em condições espaço-temporais de identificação, expressão e comportamento, ou seja, em microterritorializações que evidenciam a interação social e produzem – ou são produzidas por – relações entre os diferentes sujeitos, os quais, de diferentes formas, objetivam atributos contidos em suas

subjetividades, em constantes diálogos sobre “si mesmos”, ocasionados pelos seus contatos e “espelhamentos” com “os outros”.

A emergência de uma identidade cultural, que se define primeiramente como um estigma e, depois, como um modelo de identidade e/ou cultura alternativa de uma minoria que solicita justiça social e o pleno exercício de suas especificidades, produz um constante jogo de visibilidade e invisibilidade no espaço urbano, como é o caso do cotidiano de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo.

Os comportamentos relacionados a uma sexualidade homoafetiva foram banidos da sociedade e se definiram como atributos que estigmatizam os sujeitos. Por outro lado, os encontros homoeróticos e as homoafetividades sempre ocorreram de forma “camuflada”, como “táticas espertas”, desenvolvidas nas “brechas” do espaço urbano. Tais estratégias apresentaram-se como fundamentalmente espaciais, marcando locais e trajetos da cidade, nos quais sujeitos transitavam/transitam em busca de experiências eróticas e afetivas. Esses locais e trajetos espaciais se produzem como “rizomas” (DELEUZE, 1996) e/ou microterritorializações (COSTA, 2002; COSTA 2008), em que pequenas parcelas do espaço – “cantos” e “pedaços” de praças e ruas, rotas de deslocamento, determinados estabelecimentos, como bares e até mesmo instalações públicas – são tenuemente apropriadas por um agregado de sujeitos que nelas se reúnem e desenvolvem certas práticas.

O surgimento de um mercado de lazer, principalmente noturno, ligado à música e ao *show business*, é conduzido pela diversidade das práticas afetivas e sexuais de seus frequentadores e consumidores. O primeiro ato de manifestações *gay*, considerado um dos marcos da emergência do movimento, teve como motivação a defesa da liberdade de suas práticas nos seus locais de encontro, em reação à batida policial ocorrida no *Stonewall Inn*, bar frequentado por homossexuais em Nova York, em 1969. Nos anos 1970 e 1980, abrem-se, por todo o mundo, bares e boates destinados aos encontros, liberdades e práticas sexuais e afetivas homoeróticas. A famosa boate *Studio 54* torna realidade o gosto *gay* pela produção da indústria musical ligada à *disco music* e à *dance music*, nas décadas de

1970 e 1980, respectivamente. O corpo, performático, imita os gestos e os trejeitos alegres e exagerados das divas da *dance music*. A alegria e o colorido cultuados – mesmo que de forma encerrada – nos locais de lazer noturno *gay* libertam-se rumo ao espaço público, na apoteose das paradas *gays*. *Gay* ganha significado de libertação e, opondo-se à conotação de rudeza ligada à definição de masculinidade, expressa a possibilidade performática do corpo de se tornar feminino, de se mostrar alegre e exagerado em seus comportamentos e representações na realidade. Representa, ainda, um culto ao movimento e à dança frenética, a adoração às divas da música *pop* e a reprodução da vida como uma passarela de moda ou como um videoclipe – principalmente, devido ao aparecimento da MTV nos anos 1990. Todos os orientados sexualmente para o mesmo sexo deveriam, assim, experimentar o padrão alternativo *gay*, assumir-se e “sair do armário”.

No entanto, muitos sujeitos orientados para o mesmo sexo acabam não se inserindo ou inserindo-se provisória e/ou precariamente nesse modelo *gay*, marcado pelas práticas e expressões das festas e vinculado essencialmente ao mercado de classe média. Isso ocorre em decorrência da diversidade de condições que envolvem a identificação a esse modelo, entre outros motivos devido como: (a) o sujeito encarna seus desejos, muitas vezes não totalmente orientados para o mesmo sexo, mas por meio de experimentos esporádicos e baseados nas sensações, produzem-se de forma difusa quanto ao objeto da prática sexual; (b) os sujeitos mobilizam representações sociais em relação ao homoerotismo, tornando também difusas as representações contidas em aspectos de desvio social, de definição de cultura alternativa *gay*, de masculino e de feminino – em suas práticas e valores estéticos; (c) diferentes sujeitos se inserem em aprendizados sobre o “ser *gay*” em determinados lugares de encontros, na dependência da capacidade individual de sustentar sua inserção em um mercado cultural que define a reprodução de certas práticas e estética; (d) são as formas de encontros e de convivências *gays* em determinadas regiões e cidades, ou seja, em que circunstâncias o mercado *gay* local se desenvolve, possibilitando a reprodução de certas práticas universalizantes e/ou tornando unificadas ou diversas as

identificações de grupos *gays* diferenciados na cidade – se a quantidade de locais reproduzem uma diversidade ou uma restrição de propostas estéticas, de classe e de práticas homoeróticas a eles vinculadas.

Em relação à existência de uma condição homossexual (COSTA, 2002) historicamente construída em oposição ao modelo hegemônico heterossexual vigente na sociedade ocidental moderna, o espaço público das cidades torna-se, primeiramente, objeto de erotização tática (PARKER, 2002) daqueles que não podem expressar publicamente tal forma de afetividade, local onde ocorre um constante “jogo” de “fazer aparecer” e “fazer esconder” certos contatos e interações baseados no homoerotismo, como encontros em banheiros públicos, praças e parques, bem como em determinados horários e lugares nas ruas das cidades. Assim, apresenta-se como palco de disputas de uma diversidade de sujeitos e de formas de organização coletivas e culturais.

Certos empreendedores capitalistas, principalmente a partir da segunda metade do século XX, na emergência do capitalismo pós-moderno (JAMESON, 1991), observaram que tais agrupamentos afetivo-sexuais representavam oportunidade de lucrarem com a organização de espaços privados destinados ao lazer das diversidades sexuais – bares, *pubs*, boates, casas noturnas em geral. No entanto, isso acabou por repercutir no processo crescente de reconhecimento dessas diversidades, na medida em que reunirem-se em espaços privados, separados do restante da sociedade “normal” e heteronormativa, já não é suficiente. Tornam-se importantes os atos políticos coletivos informais – a simples agregação bem visível de grupos de sujeitos homoafetivos em determinadas partes do espaço público – e formais – manifestações políticas em espaço público, como as “paradas *gays*” ou “paradas livres”, vinculadas à emergência de grupos LGBT organizados que se dedicam às causas de reconhecimento social das diversidades sexuais. O reclame dos grupos LGBT é somente mais um elemento da diversificação e da intensificação das disputas e lutas de reconhecimento social que se intensificam após anos de 1960 e que fazem o espaço público urbano mais complexo.

Analisando o espaço público de cidades portuguesas, na segunda metade do século XX, Fortuna (2002) observa a vitalidade da sociedade civil e suas relações com a regulação do Estado. O autor define alguns “ciclos de governança e política das cidades”, sendo eles: o ciclo da espontaneidade da sociedade civil (1974-76), caracterizado por “estar na rua, em grupo, soltando gestos e opiniões sobre a vida pública”; o ciclo da “institucionalização da vida política”, nos anos 1980, quando os anseios sociais foram canalizados para o desenvolvimento socioeconômico e da infraestrutura, relegando a cultura a um campo secundário; e o ciclo da “europeização”, em que a modernização das cidades se estabelece pelo viés da cultura, condicionada, porém, à massificação e à estetização do consumo, passando a submeter as imagens da cidade à lógica do mercado. Neste último período, observa-se o desenvolvimento de estratégias de produção/consumo cultural, movimentadas pelos mecanismos midiáticos que permeiam o cotidiano urbano e a cultura jovem. A materialidade da cidade é revitalizada em prol de um consumo (cultural) do espaço, muitas vezes definindo o retorno ao centro e a reestilização da vida noturna.

Nesse contexto, as formas culturais – ações, formas e conteúdos definindo a produção e a vivência do espaço – são as estratégias de mercado que produzem o espaço de vivência público urbano. Elas selecionam expressões individuais e de grupos, principalmente com base na capacidade de cada um para consumir. A cultura é consumida e isso produz possibilidades restritas de participação, o que territorializa determinados eventos e práticas. Em alguns deles – culturais e espaciais –, as fronteiras de convivência são estabelecidas pela qualidade de apresentação dos sujeitos, por sua condição financeira e pela exigência de atributos e conhecimentos sobre a interação dos grupos ali presentes. Ocorrem, assim, diferenciações sociais e culturais que se dispõem em um plano horizontal, posicionando muitos grupos e agregados sociais/culturais “ao lado” ou “fora” da participação efetiva em certos espaços culturais da cidade. Esta “laterização” da vida social (FORTUNA; SILVA, 2002), ao mesmo tempo em que torna evidente um processo de exclusão, a partir da cultura relacionada ao mercado e às ações de

revitalização urbana do Estado, aponta também para a diversificação da vida na cidade. Para os que estão “fora” do circuito cultural emergente, restam a imaginação e a criatividade para a prática do lazer concretizada “ao lado” do espaço (cultural) estratégico e/ou hegemônico. Assim, a cidade se diversifica com a disposição de vários contextos de valorização cultural, ditada tanto pelo mercado quanto pelas reinvenções e/ou negações espontâneas estabelecidas pelos que estão de “fora”, “à margem” ou “ao lado” de determinadas condições espaço-culturais. O “fora”, no caso, não representa uma fronteira rígida, mas, sim, condições periféricas, não totalmente “contra” nem “a favor” das definições culturais determinadas pelo mercado.

Fortuna (2002) propõe quatro hipóteses sobre a hibridização da cultura urbana, o que define como a sobreposição de artefatos e expressões em produções culturais novas, num universo de disseminação de imagens eletrônicas e de instabilidade sobre as tendências da moda, seja na música, no vestuário e no comportamento, seja na produção de identidades e no comportamento em face dos diversos contextos cotidianos da vida – vide as telenovelas e suas sugestões sobre as posturas e formas éticas das pessoas diante de determinadas situações de interação social. Essas contradições geram formas culturais provenientes de trocas simbólicas, ou seja, elementos de culturas diferenciadas são decompostos e recompostos, criando estilos inovadores e instáveis, as chamadas “terceiras culturas” (FEATHERSTONE, 1995) e/ou “híbridas” (CANCLINI, 1998).

As hipóteses de Fortuna (2002) e Fortuna e Silva (2002) são denominadas “zonas de intermediação cultural” – zonas de contágio ou espaços de ação dinâmica de sujeitos em atividade de trocas simbólicas e/ou culturais. A primeira delas trata exatamente das “terceiras culturas”, que emergem das trocas simbólicas estabelecidas por estratégias comunicacionais (mídia/mercado) e, ao mesmo tempo, da criatividade dos sujeitos que as absorvem e as remodelam ainda mais na criatividade das interações cotidianas. As “terceiras culturas” devem ser encaradas como atributos de solidariedade entre diferentes sujeitos cuja prática aponta para a tão sonhada democracia, como fundamento do espaço público. No

entanto, podem também ser criticadas por estarem condicionadas ao consumo estético, que produz segregações complexas em meio urbano.

A segunda hipótese refere-se às “relações sociais de estranhamento e tolerância”, em que o “estranho” (FORTUNA, 2002; FORTUNA; SILVA, 2002) é aquilo que não implica o “nós”, nem os “outros”, mas algo que surge como incompreensível devido ao híbrido simbólico que expressa, aproximando e, ao mesmo tempo, distanciando o estranho daquilo que compõe o “nós”. Em virtude dessas realidades urbanas, o respeito surge como postura fundamental para a qualidade de vida na cidade, de forma a promover a “tolerância positiva”, que nega tanto a segregação e a fobia, quanto o cinismo da banalização – atitude *blasé* e cochicho que mascaram preconceitos.

A terceira zona de intermediação diz respeito à “domesticidade das práticas culturais”, ou seja, à reversão da tendência de isolamento das alteridades para evitar a iminente exposição e/ou confronto. Ela se estabelece no refúgio do gueto, na convivência segregada dos diferentes, cujos espaços de proximidade não apontam para a existência pacífica, solidária e ética, mas ao repúdio que se cala em razão da complexidade das microterritorializações de convivências – próximas, dispostas ao lado e, muitas vezes, sobrepostas em tempos diferenciados.

A quarta zona de intermediação alude aos “espaços sociais de proximidade relacional”, ou seja, o viver situações que não são exatamente próprias do espaço público nem do espaço privado. A existência em fronteira gera inseguranças (FORTUNA, 2002) e isso aponta a necessidade de incentivar novas lógicas, diferentes das estratégias de mercadorização dos espaços públicos, como as relacionadas ao turismo e à revitalização urbana. Torna-se manifesta a promoção do espírito de associação e afetividade. A cultura, como estratégia de melhoria da qualidade de vida urbana, deve ser democratizada e não ficar confinada a espaços restritos de turismo e de consumo de elite. A atenção ao drama da alteridade e da “laterização” de culturas populares deve, portanto, ser pauta dos projetos para a cidade.

A cidade contemporânea apresenta-se, assim, como uma espécie sobreposição complexa de camadas de seus fragmentos culturais e simbólicos, incompreensíveis, muitas vezes, até mesmo para quem nela habita. As fragmentações são dinâmicas e borbulham aqui e acolá, conduzindo os usos das formas urbanas a conteúdos diferenciados no curto espaço e no curto tempo, efêmeros. As remodelações das formas urbanas, em virtude de propósitos de reinvenção da identidade e da cultura urbana, produzem perspectivas de convivências entre tipos específicos de sujeitos, conectados financeiramente com as possibilidades consumistas de compra e participação cultural. Mas as desigualdades geradas persistem em existir “ao lado”, muitas vezes invadindo fronteiras próximas aos locais determinados a convivências elitizadas. As hibridizações, os improvisos criativos daqueles “de fora”, a instabilidade e a complexidade dos estilos fundados pelo hibridismo daqueles “de dentro”, vão ocupando diversificadamente os cantos das ruas e das praças, reinventando esteticamente, de forma dinâmica e efêmera, equipamentos de consumo destinados a públicos específicos. Isso define “o viver em fronteira” e a insegurança das coletividades afetivas, que se desmancham repentinamente.

AS MICROTERRITORIALIZAÇÕES HOMOAFETIVAS NA CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE: O LAZER NOTURNO E AS RELAÇÕES DE INTERFACE

Em decorrência de duas pesquisas desenvolvidas paralelamente pelos autores deste texto¹, foi observada uma área na cidade de Presidente Prudente-SP, com as características de uma “zona de intermediação cultural” e de “espaços de proximidade relacional”. Referimo-nos à esquina das ruas Djalma Dutra e Nicolau Maffei que, no início do ano de 2013, foi marcada por concentrar espaços de mercado de lazer noturno definidos pelas convivências tanto “homoafetivas”

¹ Antonio Bernardes, pesquisador do Projeto temático FAPESP, “Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo” e coordenador do Projeto FAPERJ “Desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa: centralidade urbana de lazer noturno e relações de interface”. Benhur Pinós da Costa, pesquisador do projeto CNPq Universal 2013-2014, “Cidades brasileiras, espaço público e diversidades culturais: o caso das microterritorializações de expressões homoeróticas e/ou homoafetivas”.

quanto “heteroafetivas”, estabelecidas pelos frequentadores de importantes bares ali instalados, principalmente um deles, o “Butiquim”, caracterizado pela frequência de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo e popularmente considerado um bar *gay* – que hoje já não se localiza mais nessa área.

Constatamos que, durante muito tempo, os bares e boates LGBT localizavam-se na periferia, distantes das zonas tradicionais de lazer noturno da cidade. Apresentavam-se como locais de convivência que pretendiam proporcionar, ao mesmo tempo, a liberdade de expressão de uma sexualidade marginal e também certa camuflagem e menor visibilidade em face de um espaço hegemônico heteronormativo.

Não podemos mensurar em que medida a cultura hegemônica heteronormativa levou à reunião de grupos homoafetivos em locais distantes dos mais “badalados” ou das áreas centrais de lazer noturno da cidade, tornando-os menos visíveis e, de certo modo, “camuflando” a expressão de uma sexualidade marginal. Por outro lado, a definição de locais de encontro e diversão distantes das tradicionais áreas de lazer noturno da cidade permite afirmar, ao menos preliminarmente, que seus frequentadores desenvolveram formas particulares de relacionamento e estabeleceram locais específicos de encontro. Segundo dados obtidos a partir de entrevistas com sujeitos homoafetivos da cidade, no passado existiam alguns espaços destinados à diversão do público LGBT, entre eles o “Espaço Friends” e as boates “Zeus” e “Paradise”. Esta última começou a ser frequentada por sujeitos LGBT, de forma espontânea, porém os proprietários, incomodados com as práticas homoafetivas percebidas no local, foram aos poucos estabelecendo algumas táticas para expulsá-los, como, por exemplo, negar a ocupação de mesas do estabelecimento a pessoas que se aproximassem de algum estereótipo *gay* ou fossem identificadas como tal.

As boates “Zeus” e “Espaço Friends” localizavam-se nas imediações do Parque do Povo, principal espaço público da cidade, todavia, em locais escondidos dos pontos de maior circulação. Outro local também citado foi uma área localizada na zona rural de um município vizinho, Regente Feijó, denominada “Chácara da

Bell”, onde eram promovidas festas mensais. Segundo alguns colaboradores entrevistados, este espaço proporcionaria maior discricção às pessoas que, embora não queiram ser identificadas como homossexuais, procuram um espaço privado e discreto para tais relações. Muitos deles relatam que na “Chácara da Bell”, ao mesmo tempo em que se protegem da identificação direta em relação à homossexualidade, muitos sujeitos se constroem aos poucos como homossexuais, em virtude das relações lá estabelecidas. As festas “da Bell” podem ocorrer também em locais alugados no espaço urbano, todos eles, porém, distantes do centro da cidade.

Nesse sentido, o diferencial do “Butiquim” foi a sua localização em espaço central, onde a visibilidade LGBT estava evidenciada e as pessoas podiam jantar, beber e se divertir com os amigos, dançar, em um espaço reservado para isso, e volta e meia deslocar-se para a rua, tendo liberdade de trânsito entre o espaço público e o privado, bem como para expressar suas afetividades e identificações sexuais.

Embora festas, atividades e encontros destinados aos grupos homoafetivos já contassem com um mercado na cidade de Presidente Prudente, ainda que incipiente, foi só a partir de meados do ano de 2012 que se atribuiu evidência a essa expressão cultural, por meio da instalação e da consolidação do “Butiquim”, um bar direcionado ao público homoerótico, localizado em uma zona central onde se concentra o comércio tradicional de lazer noturno marcadamente heterossexual. Bem próximo de outros bares conhecidos da cidade, constituía com eles uma área que exerce significativa centralidade para lazer noturno muito diferente de outras da cidade e de outros períodos, no que concerne à localização de festas e de boates LGBT. Ao mesmo tempo em que as relações se configuravam de forma microterritorializada, quanto aos comportamentos e aos interesses sexuais e afetivos, separando grupos homo e heteroafetivos, todos se encontravam muito presentes e contíguos, gerando um espaço de proximidade relacional que ora se fechava, ora se abria para a possibilidade de interação.

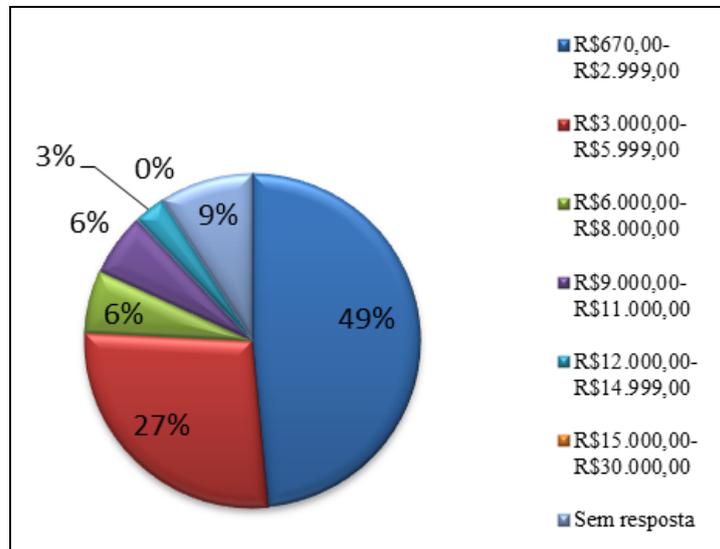
Similar como ocorre na história de lazer noturno da cidade de Porto Alegre, a área que abriga esses bares se configurava como uma “esquina maldita”, ou seja, um local de encontro de uma diversidade relacional caracterizada pela variedade de possibilidades de expressões identitárias e pessoais não convencionais, em comparação aos padrões normativos e hegemônicos da sociedade local. A presença de um bar GLS nessa esquina possibilitou a configuração de uma área de lazer noturno onde ocorre o encontro de grupos heterogêneos num espaço muito pequeno, definindo, assim, a proximidade relacional da diversidade sociocultural. Ao contrário de se ocultarem num ambiente *gay* fechado, como ocorreu e ocorre nas festas realizadas na Chácara da Bell e em outros locais de convivência localizados em zonas periféricas da cidade, o que levava tais sujeitos a frequentar o bar era justamente a possibilidade de “ver” e “ser vistos”. Pressupomos que este fenômeno indica o reforço de certa alteridade perante o outro, pois, mesmo que não ocorra a interação, a visibilidade e a proximidade tornam-se aspectos relevantes nos processos de marcação da diferença. Mas até que ponto era realmente tranquila a convivência da diferença em espaços de proximidade?

Concentravam-se, na área em questão, três estabelecimentos comerciais destinados ao lazer noturno, próximos uns dos outros, dos quais só o “Butiquim” (hoje desativado) era voltado para o público homoafetivo. Os outros dois, mais antigos, foram instalados, um, no final da década de 1980, e outro, no final da década de 1990. Ambos são frequentados por adultos, casais, famílias e grupos de amigos das classes média e média alta da cidade. A coesão desses estabelecimentos amplia a centralidade da área central da cidade para além daquela do horário comercial. Localizados lado a lado, num trecho de aproximadamente 200 metros, a disposição de suas mesas e frequentadores no passeio público e na rua caracterizam territorialidades bem específicas, pelo reconhecimento recíproco dos “iguais” e pelo manejo de códigos e de comportamentos que marcam a diferenciação em relação a “outros”.

O “Butiquim”, o estabelecimento mais recente, instalado em 2012, acabou promovendo grande interferência na dinâmica da área, tanto em termos culturais

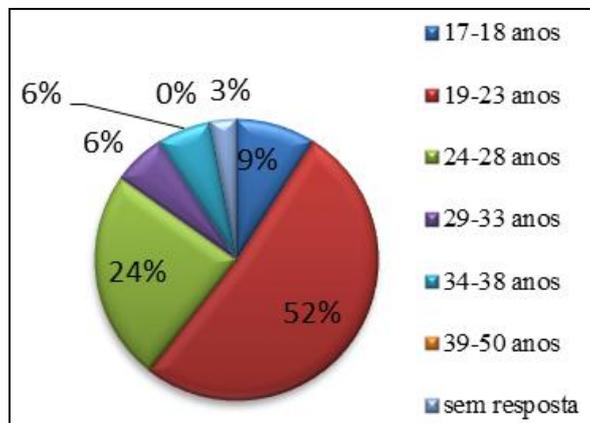
quanto de classe social, devido ao seu público específico e diversificado. Vejamos os gráficos abaixo:

GRÁFICO 1: RENDA MENSAL FAMILIAR DOS FREQUENTADORES DO BUTIQUIM.



Fonte: Turra Neto e Bernardes (2013).

GRÁFICO 2: IDADE DOS FREQUENTADORES DO BUTIQUIM.



Fonte: Turra Neto e Bernardes (2013).

Pela análise dos Gráficos 1 e 2, podemos constatar que os clientes do “Butiquim” possuíam rendimentos baixos, assim como, compunham um público majoritariamente juvenil, com pouca coexistência geracional. Estas características,

aliadas à presença de homoafetivos numa área de lazer noturno marcadamente heteroafetivo, acabaram por desenvolver uma atmosfera de animosidade entre os sujeitos tradicionais da área (TURRA NETO; BERNARDES, 2013), como podemos notar nas palavras de um de seus sócios-proprietários:

Nós estamos no meio do fogo cruzado desses bares tradicionais, que é o Tio Vavá e o Kituts, e o pessoal da alta sociedade frequenta esses bares. Então acaba... vai passar lá na frente um monte de gente que é GLS, passa lá, um monte de ‘gay’, um monte de ‘sapatão’, um monte de ‘não sei o que’, como o pessoal fala. Então, acaba, não sei, sendo uma ofensa pra eles lá (informação verbal)².

Tal depoimento revela quanto a visibilidade da convivência homoafetiva de proximidade incomodava a vizinhança e os frequentadores dos outros bares, e como era necessário, ou fazer menos visível essa convivência, reformando as instalações de modo a tornar mais herméticas as relações, ou promover a “limpeza” do local, com a realocização do bar fora dali – o que efetivamente aconteceu, em meados de 2013. Embora a existência da diversidade relacional fosse muito atrativa ao lazer noturno nessa “esquina maldita” da cidade de Presidente Prudente, um sentimento de repulsa à visibilidade e à possibilidade de existência livre das homoafetividades mostrou-se mais forte.

Dentre os motivos para a contestação e até mesmo a hostilidade em relação aos frequentadores do Butiquim, destacamos a localização do bar e as formas de expressões LGBT claramente visíveis – a característica do bar era estar aberto à rua, mantendo o seu interior exposto devido às grandes aberturas de suas laterais, que permitiam o ir e vir de sujeitos, principalmente dos que saíam para fumar –, assim como a dinâmica de certos grupos de sujeitos que se reuniam numa esquina próxima ao bar, em local que permitia certa separação e uma boa camuflagem – ao pé de algumas árvores e perto de estacionamentos de carros, com menor concentração de pessoas.

² BUTIQUIM, Proprietário. **Entrevista 1**. [fev. 2013]. Entrevistadores: BERNARDES, A.; SOBREIRO FILHO, J. Presidente Prudente: UNESP, 2013. 1 arquivo MP3. Entrevista concedida ao projeto temático FAPESP “Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo”.

Neste último caso, muitos dos sujeitos pareciam ser bem jovens e seu modo de se apresentar indicava uma diferença marcante em relação ao estilo homogêneo de “bem vestir-se” daqueles que frequentavam efetivamente o interior do bar – em oposição a camisas polo, cabelos bem feitos, sapatos caros e calças de grife, tênis surrados, bonés e calças jeans largas. Observamos que constituíam um grupo unido por forte amizade e que muito esporadicamente um deles entrava para comprar alguma bebida, que era consumida de forma coletiva. Este dado demonstra que a democracia da convivência homoafetiva tem também seus limites, e eles são definidos pelas características de consumo que determinam a agregação sociocultural e afetiva. Neste sentido, quem não consome efetivamente tem um convívio restrito, encontra-se na periferia e à margem de um tipo de convivência homoafetiva que é hegemônica. Ampliando-se o zoom da lupa, observa-se que as segregações acontecem e, centrando somente na questão das relações homoafetivas do lugar, elas se mostram tênues, porque são geradas pelo sentimento de proximidade, ora mistura, ora separação.

Existem códigos de conduta entre os sujeitos homoafetivos que estão à margem e aqueles que estão no centro – relações paradoxais no espaço, conforme Silva e Ornat (2012). Estes seguem preceitos de pouca exposição quanto a gestos e falas marcantes, assim como a demonstrações extremas de afetividade e de sexualidade entre sujeitos do mesmo sexo. No outro grupo, as expressões são mais marcantes e, mesmo estando um tanto separados e menos visíveis, do outro lado da rua, falam alto, gesticulam e se relacionam com excessiva extravagância. Dessa forma, embora o Butiquim se apresentasse como uma apropriação espacial que permitia a visibilidade de todos quanto à homoafetividade, aqueles que estavam no centro do bar procuravam manter um código de conduta mais aceito em uma sociedade heteronormativa. Havia ali uma marca que distinguia aqueles que realmente consumiam no bar e que apresentavam um código de conduta mais aceito socialmente – menos extravagante e marcadamente distinto quanto a padrões de expressões de gênero e sexualidade –, daqueles que eram atraídos pelo tipo de convivência, mas que não podiam efetivamente consumir – antes de tudo o

bar era um estabelecimento comercial – e, assim, transgrediam um “bom senso” de expressão de gênero e de bom comportamento, como forma de se fazerem presentes, embora ainda marginalizados.

Outro dado foi a presença de certos sujeitos solitários na esquina em questão, localizados sempre nas fronteiras entre um bar e outro, transitando sozinhos entre eles, contudo, sem adentrar nenhum dos estabelecimentos. Notou-se, mediante observação participativa na esquina, um comportamento de deriva no espaço, à moda de Perlongher (1987). O modo de agir desses sujeitos, entendido como uma busca sexual no local, não comprometia, todavia, a identidade heterossexual ou homossexual que não se quer revelar. Eles perambulavam pelo local e, em alguns momentos, paravam para fumar e beber, à espreita de algum contato visual com outro homem e, assim, promover possivelmente uma “paquera” ou uma aproximação, com a perspectiva de efetivar um encontro sexual. Mantinham uma forma de estar no local, restrita à necessidade de saciar o desejo homossexual, pouco se preocupando com as interações de amizade ou com a convivência efetiva. Sua relação também era marginal, mas, próxima. Não eram segregados, mas se autossegregavam, numa relação tênue com o lugar, movida pela necessidade sexual, negando, porém, a presença efetiva nele.

Quanto às formas de expressão homoerótica, podemos indicar que eram os frequentadores do Butiquim os que mais transitavam pelos passeios e ruas e se apropriavam deles no decorrer da noite. Contestavam as fronteiras dos frequentadores dos outros bares pela apropriação dos diferentes locais e, ao mesmo tempo, reafirmavam a sua territorialidade, reafirmando, contraditoriamente, a territorialidade dos outros. Conjecturamos que este é um dos motivos que os levavam a serem contestados e hostilizados pelos frequentadores dos outros dois estabelecimentos, cujas territorialidades estão normalmente circunscritas à disposição das mesas nas calçadas e às paredes dos estabelecimentos.

Nesse sentido, a proximidade dos bares não implica, efetivamente, a interação e, muito menos, a possibilidade de livre circulação de expressões e de

identidades entre os locais próximos, mas claramente marcados por determinadas características e por formas mais exclusivas de convivência entre os sujeitos. Essa dinâmica manifestava-se numa espécie de autodiferenciação em relação ao outro, aquele que é estranho e que desenvolve, como afirma Baudrillard (2006), uma alteridade radical. Todavia, há de se saber que a alteridade não é a diferença, visto que a diferença é uma abstração em que se busca separar os termos e, depois, reunificá-los. Nos últimos séculos, todas as formas de alteridade foram inscritas no discurso da diferença e, assim, a homoafetividade não existe, por exemplo, enquanto o *Outro* é outro, mas, sim, quando se torna diferente e ameaçadoramente próximo. Ao objetivar a referência homoafetiva, revela-se a lógica de todo o sistema estrutural: a fetichização da diferença (BAUDRILLARD, 2006).

Cada um dos bares manifestava, objetivamente, um conjunto de relações simbólicas e culturais, porque sociais. Atendiam a públicos específicos cujas relações vão além do local. Tratando do Butiquim, é possível afirmar que boa parte dos seus frequentadores era vista pelo viés da diferença fetichizada. Excluídos, quando levamos em conta uma cultura heteronormativa hegemônica, ao mesmo tempo excluem-se e excluem os outros, quando se considera o reforço das identidades, das dinâmicas e das simbologias específicas do grupo.

Há de se considerar que as relações homoafetivas não se restringem ao Butiquim, pois também são objetivadas em determinadas lanchonetes e boates da cidade e da região. A diferença é que essas expressões são marginais, ou melhor, possuem pouca evidência e não colocam em questão as especificidades sociais, culturais e de sexualidade, fenômeno que ocorre na área de lazer noturno considerada, onde se localizava o bar. Deste modo, o que devemos ponderar é que os frequentadores de cada um desses estabelecimentos não definem suas respectivas territorialidades tão somente pelo manejo de códigos e pela sociabilidade estabelecida e reforçada nos bares no decorrer da noite. Boa parte das relações consolidava-se fora dos estabelecimentos, considerando-se o papel das redes sociais mediadas pela Internet, que configuram, atualmente, um dos

elementos, ou melhor, uma das ferramentas que mais têm contribuído para esse fenômeno, dentre as quais o *Facebook* se destaca.

Antes mesmo da consolidação das redes sociais mediadas pela Internet, sujeitos homoeróticos já utilizavam outras formas de comunicação para propiciar o encontro entre comuns, o que indica uma espécie de rede. No caso da cidade de Presidente Prudente, constatamos que a divulgação de certos eventos se fazia em *magazines*, lojas de vestuário e até mesmo em restaurantes cujos proprietários e/ou parte de sua clientela são orientados sexualmente para o mesmo sexo. Todavia, se antes a divulgação era feita estritamente dentro de um circuito, em estabelecimentos comerciais específicos, atualmente, acontece também pela Internet, destacadamente, pelas redes sociais. Como exemplo de rede social mediada eletronicamente, o *Facebook* possibilita as relações de interface³, ou seja, aquelas que não se estabelecem face a face. É uma das mais populares no Brasil e não se restringe a estabelecer relações para públicos específicos. Podemos afirmar que sua popularidade está vinculada à possibilidade de telecomunicação por meio de textos, imagens, vídeos, sons etc., bem como a uma interface dinâmica, amparada num *design* e numa estrutura de fácil manuseio.

Em pesquisa sistemática das *Fan pages* dos três bares da área central da cidade, especialmente o Butiquim, constatamos que havia uma ligação intensa entre alguns de seus frequentadores, assim como, os de outros estabelecimentos de caráter homoerótico e de festas e eventos da região. Trata-se de uma rede de contatos que, embora não implique necessariamente a relação face a face, traz implícito o reconhecimento entre os comuns pela manipulação de códigos culturais. As postagens e comentários acerca dos locais de lazer influenciam os sujeitos da rede quanto à decisão sobre onde ir, na noite (TURRA NETO; BERNARDES, 2013).

Tomando algumas proposições de Latour (1996), podemos considerar que cada frequentador/internauta pode ser tratado como uma espécie de nó de uma

³ Entendemos como relações de interface aquelas que ocorrem mediadas eletronicamente, utilizando-se, principalmente, os meios de telecomunicações, tais como a Internet e a rede de telefonia móvel celular. Elas possuem como características serem praticamente simultâneas e possibilitam a comunicação de dois sujeitos distantes, ou seja, uma relação sincrônica indireta.

rede de contatos. Latour desenvolve a *actor-network theory* (AT), ou a teoria do ator-rede, não com vistas a entender especificamente as relações mediadas pela Internet, mas, principalmente, as formas organizativas e de relação entre os sujeitos na sua cotidianidade. O autor indica uma nova ontologia para explicar as dinâmicas da sociedade contemporânea, ou seja, o seu entendimento como rede de contatos em que cada sujeito – atores, no conceito utilizado por Latour – possui o seu peso:

Mais precisamente, é uma mudança de topologia. Em vez de pensar em termos de superfícies – duas dimensões – ou esferas – três dimensões – os convido a pensar em termos de nós que possuem tanto um número maior de dimensões como de conexões. Como uma primeira aproximação, o AT reivindica que as sociedades modernas não podem ser descritas sem a identificação de sua fibrosidade, ramificações, resistências, pegajosidade, viscosidade e capilaridade, características que não podem ser entendidas pelas noções de níveis, camadas, territórios, esferas, categorias, estrutura e sistemas. Tem-se o objetivo de explicar esses efeitos por meio dessas palavras tradicionais sem ter que compactuar com seus aspectos ontológicos, topológicos e políticos.

AT foi desenvolvido por estudantes de Ciência e Tecnologia e sua alegação é que ele é totalmente impossível entender o que mantém certa sociedade unida sem reconsiderar no seu tecido os fatos produzidos pelas ciências naturais e sociais e os objetos técnicos projetados pelas engenharias. Como uma segunda aproximação, a AT indica que única maneira de conseguir isso é pela reconsideração de um entendimento dos tecidos sociais através da ontologia em rede e da teoria social (LATOURE, 1996, p.3).

Latour (1996) contesta a utilização de alguns termos e conceitos com características bidimensionais e tridimensionais para explicar as relações sociais contemporâneas e propõe que, para compreendê-las, busquemos a concepção de rede, em que os nós podem ter tantas dimensões como conexões. Ao indicar que a rede deve ser considerada como uma ontologia e teoria social, a teoria do ator-rede atribui aos sujeitos papel fundamental para o desenvolvimento, a consolidação e a manutenção da rede como uma forma de sociabilidade.

Deste modo, é possível afirmar que a sociabilidade estabelecida nos bares é desenvolvida tanto pelas relações face a face quanto pelas de interface. São dinâmicas complementares e não excludentes entre si, na medida em que as

territorialidades são reiteradas, assim como o são as simbologias e os manejos de códigos sociais.

Na atualidade, segundo Santaella (2008), é difícil distinguir as recíprocas influências das relações materiais e objetivas, daquelas resultantes das dinâmicas concernentes aos espaços das relações mediadas eletronicamente. Para entender esse fenômeno contemporâneo, a autora propõe a concepção de espaço intersticial:

Os espaços intersticiais referem-se às bordas entre espaços físicos e digitais, compondo espaços conectados, nos quais se rompe a distinção tradicional entre espaços físicos, de um lado, e digitais, de outro. Assim, um espaço intersticial ou híbrido ocorre quando não mais se precisa 'sair' do espaço físico para entrar em contato com ambientes digitais. Sendo assim, as bordas entre os espaços digitais e físicos tornam-se difusas e não mais completamente distinguíveis (SANTAELLA, 2008, p.21).

Nos bares da área central da cidade de Presidente Prudente, os frequentadores usam as redes sociais para se comunicar com os amigos no decorrer da noite e, para decidirem onde ir, o local onde eles estão tem um peso significativo. A concepção de espaço intersticial de Santaella (2008) é pertinente para entender essa realidade e permite considerar as recíprocas dinâmicas entre os sujeitos que são, ao mesmo tempo, internautas e frequentadores do bar. Eles objetivam suas ações tanto nas redes sociais mediadas eletronicamente quanto no bar e, ao fazerem isso, divulgam um conjunto simbólico que pode influenciar outros sujeitos a se dirigirem para lá e reiterar os aspectos significantes. Este fenômeno era considerado e utilizado pelos proprietários como uma ferramenta estratégica para divulgação dos eventos do Butiquim, pois, conforme um dos sócios, boa parte dos seus clientes estavam no *Facebook*:

A gente faz a programação da semana no bar, coloca os *flyers*, vamos supor, quinta, sexta e sábado... E solta no *Face* a programação nossa... Então os clientes veem, eles interagem [...] no dia seguinte, eles comentam no *Face* e tudo, que gostou, que não gostou [...]. Já atingiram quatro mil visualizações num único

flyer (informação verbal).⁴

Uma das estratégias adotadas pelos proprietários era publicar fotos do movimento do bar em tempo real. Segundo o entrevistado, numa das noites em que postou fotos da animação da casa, pouco tempo depois o estabelecimento estava lotado. Contudo, um dos sócios do Butiquim e um dos funcionários responsáveis pela sua divulgação na rede social afirmaram que, apesar da movimentação na página do bar, o *Facebook* não tem servido como medidor confiável do que vai acontecer na dinâmica na noite, pois nem sempre os *flyers* mais visualizados correspondem aos eventos mais movimentados, sendo o inverso também verdadeiro (TURRA NETO; BERNARDES, 2013).

Podemos afirmar, com alguma segurança, que as relações de interface, especificamente as estabelecidas por meio das redes sociais, reforçam a sociabilidade de certo grupo de amigos, conhecidos, ou mesmo de uma rede de contatos, e são utilizadas pelos proprietários do estabelecimento como uma maneira de divulgação para o consumo do e no lugar, uma tática de manejo mercadológico perpassada por uma referência ideológica e de códigos culturais de determinado grupo, tomando, assim, as relações mediadas eletronicamente, o lugar daquelas que se dão face a face, mas em outras dimensões e sob outras formas de interação.

Como indicamos em outro texto (TURRA NETO; BERNARDES, 2013), as relações de interface reforçam as áreas que exercem centralidade de lazer noturno. Dos três bares que estudamos na cidade de Presidente Prudente, o Butiquim se destacava, seja pela reprodução da cultura homoerótica numa sociedade de padrões marcadamente heteronormativos, seja pelo estabelecimento de relações socialmente herméticas ou, ainda, pela publicidade divulgada nas redes sociais e direcionada ao seu público, o que acentua o fenômeno anterior. Nesse sentido, indagamo-nos se o reforço de certa centralidade de lazer noturno, resultante tanto das relações de interface quanto das estabelecidas face a face, estaria socializando

⁴ BUTIQUIM, Proprietário. **Entrevista 2**. [fev. 2013]. Entrevistadores: TURRA NETO, N. Presidente Prudente: UNESP, 2013. 1 arquivo MP3. Entrevista concedida ao projeto temático FAPESP “Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo”.

ou restringindo ainda mais esse grupo homoafetivo num contexto social mais amplo.

Os três bares da área central da cidade de Presidente Prudente, por possuírem públicos específicos, de certo modo definem territorialidades específicas, assim como formas de relacionamentos com o local e seus frequentadores. Enquanto os frequentadores dos bares mais tradicionais estão circunscritos ora às suas mesas e grupos, ora ao próprio estabelecimento, aqueles do Butiquim transitavam pelo passeio e ruas e redefiniam as territorialidades. É interessante observar que essa dinâmica de segregação possuía certo reflexo nas relações de interface, pois notamos que as redes sociais mediadas eletronicamente são utilizadas de forma específica por cada público, por e para cada estabelecimento. Contudo, muitos dos entrevistados, inclusive os do Butiquim, frequentavam os mesmos estabelecimentos destinados ao lazer noturno fora da área central da cidade, em geral locais de encontro de cunho marcadamente heteronormativo. De um lado, isso indica que o caráter homoeafetivo do Butiquim era a causa de muitas das contestações dos frequentadores dos bares vizinhos e dos moradores das adjacências, pois ali ocorria uma expressão objetiva e material da homoafetividade, onde o marginalizado adquiria corpo e voz, como alteridade radical para o Outro. Por outro lado, se há a supressão da homoafetividade pelas relações estabelecidas num dado local em que os padrões heteroeróticos são hegemônicos, o Outro pode ser entendido como Alguém que não questiona e expõe a alteridade de forma radical.

Partindo da premissa que territorializar é um processo de marcar a presença de um determinado grupo na cidade como forma de apropriação do espaço urbano, principalmente quando a alteridade fomenta não somente a aceitação da diferença, mas também o reconhecimento de seus membros como seres sociais, questionamos: até que ponto as relações de interface entre sujeitos de um mesmo grupo, ainda que permitam uma maior interação e a reprodução da cultura homoafetiva, não os estariam excluindo ainda mais da sociedade? Em que medida não seria um procedimento tautológico para a reafirmação do próprio grupo ou a

resistência aos padrões heteronormativos? Poderia a frequência ao bar constituir um processo de conscientização ou representaria somente breves aparições e manifestações, na cidade, de um grupo que historicamente foi marginalizado, e ainda é, como notamos nos trabalhos de campo realizados na área central de Presidente Prudente?

O fato socioespacial em questão apresenta-se como um paradoxo territorial: se, por um lado, a visibilidade é uma ação dos sujeitos sociais em busca do reconhecimento, por outro, a marcação da diferença gera, em relação ao próximo, uma negação constante de convivência e de repúdio à expressão de alteridade. A apropriação territorial em escala “micro” e a marcação de diferenças apresentam-se mais como um conflito do que como um caminho para a democracia territorial. No caso analisado, a proximidade física entre os sujeitos de diferentes grupos e segmentos sociais provocou o afastamento no que concerne às interações e à necessidade de exacerbar certos códigos de convivência e expressões estéticas. Pensamos que a tentativa de aproximação de formas de interação que liguem apropriações territoriais paradoxais exige um projeto de discussão pública e de educação informal que favoreçam o reconhecimento das diversidades sexuais. O processo espontâneo de apropriação e construção de um espaço LGBT em plena região central urbana de Presidente Prudente, apesar de ter se revelado um ato de bravura e de resistência frente à tradição de uma sociedade “heteronormativa”, não culminou, infelizmente, no reconhecimento social das diversidades sexuais, e fez surgir, ao contrário, uma resistência, que levou ao fechamento do Butiquim em 2014.

Os projetos sociais espontâneos que buscam tornar visíveis certas expressões marginalizadas socialmente apresentam grande valia política para o reconhecimento das pluralidades culturais, porém, elas devem ser acompanhadas de uma discussão social, a fim de tornar os processos de reconhecimento mais pacíficos e inteligíveis. Neste sentido, ressalta-se a importância da organização política de grupos LGBT, da qual emana a demanda por ações educativas públicas quanto à aceitação das diversidades sexuais. As ações territoriais, dessa forma,

devem vir acompanhadas de organização política e educacional, para que todos adentrem um processo de reconhecimento e respeito mútuos, preservando as identidades, mas buscando a igualdade de direitos no compartilhar a cidade.

CONSIDERAÇÕES À GUIA DE CONCLUSÃO

Presidente Prudente, como uma cidade média do interior do Estado de São Paulo, possui considerável dinâmica econômica. Em virtude desse dinamismo, principalmente relacionado ao setor de serviços e à oferta de ensino superior, a cidade é considerada um polo de atração da região do oeste paulista. Seu espaço urbano vem mudando muito nos últimos anos e isso implica a produção de estabelecimentos de diversão, principalmente novos restaurantes e casas noturnas. Tal processo de diversificação econômica vem acompanhado do fenômeno de evidência de uma diversidade cultural, da qual são geradas novas territorialidades decorrentes do consumo e da promoção de determinadas identidades.

Trabalhamos a especificidade de formação de espaços de convivência homoafetiva em Presidente Prudente, ou aqueles destinados a uma população LGBT. Embora sempre “escondidos”, indicam ainda uma necessidade de ocultar certas convivências não aceitas na manutenção de uma sociedade heteronormativa, esses espaços existiram na cidade, em um passado recente. Entre eles, o Butiquim, que se destacou como uma microterritorialização de consumo e de convivência de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo, manifesta no centro urbano da cidade, em uma esquina tradicionalmente frequentada por sujeitos heterossexuais, pode constituir uma espécie de enclave, quando gera certa visibilidade em termos de conquista do espaço público e de reconhecimento das diversidades sexuais.

Contraditoriamente, porém, esse enclave suscitou a intensificação de negação dessas diversidades, culminando numa ação social de luta pelo fechamento do local. Ao longo do texto, apresentamos algumas dinâmicas que envolvem a construção dessas apropriações espaciais em proximidade, assim como a organização de grupos identitários mediados por relações de interface. Essas

microterritorialidades são reforçadas devido a organização comunicativa de sujeitos por meio das redes sociais eletrônicas mediadas pela Internet, o que corrobora o reconhecimento de possíveis locais de encontros como, por exemplo, as festas esporádicas que ocorrem na “Chácara da Bell”.

Neste sentido, as microterritorializações como a do Butiquim são ativadas pela mobilização comunicacional, com o uso de estratégias virtuais de sujeitos que apresentam formas de identificações comuns, desenvolvendo táticas de convivência frente à marginalização social que sofrem devido ao estigma social que envolve a homossexualidade. As relações de interface são mediações políticas informais que contribuem para a materialização da visibilidade da diferença em espaço público: por um lado, um projeto de visibilidade para o reconhecimento social das diversidades sexuais e, por outro, para aqueles que são marginalizados socialmente, a construção de espaços de segurança cuja materialização, discreta, não representa transgressão da normalidade heterossexual urbana – este é o caso da Chácara da Bell.

O Butiquim contribuiu para a movimentação dessas “normalidades”, transgredindo certas relações hegemônicas em um conjunto de territorialidades de lazer noturno muito vinculado à manutenção das relações heteronormativas. Seu projeto de visibilidade mediada por relações comunicacionais via Internet rompeu com a mesmice e a padronização das convivências heteronormativas e causou certo impacto na sociedade da cidade de Presidente Prudente. A busca da visibilidade poderia ter sido mediada por um projeto político de reconhecimento das diversidades sexuais, mediante a organização política da população LGBT local, mas não foi. O conflito instalado gerou, dessa forma, reações que levaram ao fechamento do bar e à desconstrução do projeto de apropriação do espaço em prol da possibilidade de convivência homoafetiva. Para os sujeitos homoafetivos da cidade, o bar representou a perspectiva de haver um lugar em que pudessem ser eles mesmos e mostrar aos outros quem eram. Isto, para nós, foi um ato político de dimensões importantes, que repercutiu na possibilidade de muitos sujeitos se reconhecerem na naturalidade de seus desejos e inspirações.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos*. Campinas: Papirus, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BRAGA JUNIOR, Luiz Fernando Lima. *Caio Fernando Abreu: narrativa e homoerotismo*. 2006. Tese (Doutorado em Literatura). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- COSTA, Benhur Pinós da. *A condição homossexual e a emergência de territorializações*. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre.
- _____. *Por uma Geografia do cotidiano: território, cultura e homoerotismo na cidade*. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações 1972-1990*. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: SESC; Studio Nobel, 1995.
- FORTUNA, Carlos. *Culturas urbanas e espaços públicos: sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 63. Outubro de 2002.
- FORTUNA, Carlos; SILVA, Augusto Santos. *A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural*. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.
- GIDDENS, Anthony. *Identidade e modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- JAMESON, Fredric. *O pós-modernismo: e a lógica cultural do capitalismo avançado*. São Paulo: Ática, 1991.

LATOUR, Bruno. On actor-network theory. A few clarifications plus more than a few complications. *Soziale Welt*. Disponível em: < <http://www.cours.fse.ulaval.ca/edc-65804/latourclarifications.pdf> > Acesso em: 5 de abril de 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, CFCH/CCE-UFSC. v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>. Acesso em: 03 de abril de 2013.

MACLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Bebel Orofino Schaefer, 2000.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANTAELLA, Lucia. A ecologia pluralista das mídias locativas. *Revista FAMECOS*, n. 37, Porto Alegre, p. 20-24 2008.

SILVA, Joseli Maria. *Geografias Subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José. Interseccionalidade e mobilidade transnacional entre Brasil e Espanha nas redes de prostituição. *Revista da ANPEGE*. v. 8, n. 10, p. 51-66, 2012.

TURRA NETO, Nécio; BERNARDES, Antônio. Relações de interface e centralidade de lazer noturno em Presidente Prudente - São Paulo. XIII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA. Rio de Janeiro. 2013. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2013, p. 1-29.

Enviado em: 05/10/2013

Aceito em: 22/11/2013